

NOTÍCIAS

Estação pré-histórica de Areolas (St.^a Iria da Azóia)

Esta nova estação pré-histórica da margem direita do rio Tejo, localizada em terrenos miocénicos fronteiros ao «Mouchão da Póvoa», foi descoberta em Março de 1970 pelos estudantes do ensino secundário José Eduardo Mateus e Carlos Manuel Pimenta. As coordenadas geodésicas do ponto central da área explorada são as seguintes: 38° 50' 8" N.; 9° 4' 30" W. Gr. Trata-se de uma estação de superfície onde, ao longo de cerca de 12 prospeções, e numa área de, aproximadamente, 1,5 km.², aqueles estudantes recolheram algumas centenas de unidades líticas. Entre estas, as de sílex são predominantes, e nelas podem distinguir-se duas séries principais: uma com pátina branca, mais antiga, abarcando a maior parte das peças: outra mais recente, com pátina esbranquiçada, pouco intensa, ou quase nula. Em percentagens muito menores, ocorrem peças de quartzo (leitoso e hialino). Em prospeção realizada com aqueles estudantes em 11.IV.1971, verifiquei ainda a ocorrência de peças obtidas de seixos rolados de quartzito, bem como de um fragmento de cerâ-

mica neo-eneolítica com decoração incisa. O conjunto dos materiais (que aqueles jovens se encontram a estudar e pude observar genericamente), entre os quais é de registar a presença de um segmento de círculo, lâminas e lamelas, raspadores, raspadeiras, peças, com *coche*, núcleos de tipos vários, além de numerosos resíduos de fabrico, todos de sílex, permite desde já localizar esta estação como meso e neolítica, com um prolongamento provável até ao Neo-eneolítico. A sua descoberta vem enriquecer o conjunto das estações da zona norte de Lisboa não situadas sobre o manto basáltico, até hoje relativamente pouco abundante.

Vitor Oliveira Jorge

O II Congresso Nacional de Arqueologia

Coimbra foi escolhida para a realização do II Congresso Nacional de Arqueologia, que reúne mais de 150 participantes e constará de cerca de 90 comunicações. Destas, uma dezena é dedicada a assuntos de Coimbra e sua região, que, diga-se de passagem, está em grande parte por explorar.

À sessão, que se efectuou no anfiteatro principal da Faculdade de Letras, no dia 28 de Setembro, estiveram presentes, além do Dr. Justino Mendes de Almeida, o Eng.º Pena da Silva, director-geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, em representação do Ministro das Obras Públicas. Eng.º Abreu e Faro, presidente do Instituto de Alta Cultura, Prof.ª Dr.ª D. Maria Helena da Rocha Pereira, vice-reitora da Universidade, Prof. Manuel Lopes de Almeida, em representação do director-geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, Prof. Dr. Costa Ramalho, director da Faculdade de Letras, Prof. Ferrer Correia, administrador da Fundação Calouste Gulbenkian e Dr. Jorge de Alarcão, secretário-geral do Congresso e director do Museu Nacional Machado de Castro.

Em lugar de destaque o rev.º Padre José Varanda, que representava o prelado da diocese e, na mesa dos oradores, o Prof. Dr. D. Fernando de Almeida, director do Museu Nacional de Arqueologia.

Na teia, encontravam-se a Sr.ª D. Alice Correia, viúva do Prof. Dr. Virgílio Correia e filho, Sr. Virgílio Correia, Eng.º Augusto Correia, vice-presidente da Câmara Municipal de Coimbra, dr. Martins Pinto, secretário do Governo Civil, que representava o chefe do distrito e outras entidades.

Usaram da palavra os srs. Prof. Dr. Lopes de Almeida, em nome do presidente da Junta Nacional da Educação, Dr. Jorge de Alarcão, um dos

organizadores do Congresso e Prof. Dr. D. Fernando de Almeida, os quais se referiram à obra do saudoso Dr. Virgílio Correia, a cuja memória este Congresso é dedicado. Por fim falou o sr. Dr. Justino Mendes de Almeida, subsecretário de Estado da Administração Escolar.

Terminada a sessão, foi inaugurada na Sala de S. Pedro, da Biblioteca Geral da Universidade, uma exposição bibliográfica do Dr. Virgílio Correia, tendo o Rev. Padre Nogueira Gonçalves proferido uma palestra sobre a obra daquele grande arqueólogo, de quem foi colaborador. A exposição abrange cerca de 600 trabalhos, cujo catálogo foi elaborado pela bibliotecária Dr.ª D. Maria Teresa Pinto Mendes, que também organizou a exposição.

As sessões de trabalhos do Congresso decorrem em três anfiteatros, abrangendo secções de paleolítico, neo-eneolítico, idade do bronze, idade do ferro, arqueologia romana, epigrafia, arqueologia paleocristã e visigótica, etc.

No mesmo dia 28 os congressistas visitaram, à noite, o criptopórtico romano subjacente ao Museu Nacional Machado de Castro, cujos trabalhos de desobstrução e restauro foram ultimamente concluídos. Em seguida foi visitada uma notável exposição sobre «A Actividade Arqueológica em Portugal nos Últimos 10 Anos». Pelo valor e variedade das peças e pelo nível da sua apresentação, esta exposição é digna de ser vista e honra os seus organizadores sr. Dr. Jorge de Alarcão e sr.ª D. Adília Alarcão.

No dia 29 à noite, realizou-se na Biblioteca Joanina da Universidade um belo concerto pelo Grupo de Música Antiga de Lisboa; e no dia 30, depois de uma sessão plenária em que foram apresentados os resultados das últimas escavações realizadas em Conímbriga, os congressistas foram a Conímbriga visitar o famoso *oppidum*.

Hoje, dia 1 de Outubro, às 18 horas, será a sessão plenária de encerramento do Congresso, e de 2 a 4 realiza-se uma excursão a Torres Novas e Alentejo.

(*Correio de Coimbra*, de 1-10-1970)

Estão a decorrer com o maior interesse os trabalhos do II Congresso Nacional de Arqueologia no qual participa centena e meia de especialistas de vários países europeus.

No dia 29, foram apresentadas as seguintes comunicações: Neo-Eneolítico — Henrique Leonor Pina, «Novos monumentos megalíticos do distrito de Évora»; Leonor Ribeiro, «A gruta de Salvé Rainha (Montejunto) e as destruições catastróficas do calcolítico português»; Gustavo Marques, «Fojo dos morcegos — Assafora (Sintra)»; Carl Harpsøe, Fernando Camarinha, Henrique Sacadura Cabral, Inga Harpsøe e José Pedro da Costa, «Estudo da fauna malacológica no espólio da gruta de Ibne Amar»; Gil Miguéis Andrade, «Povoado pré e proto-histórico do Amaral (Alenquer)». Idade do Ferro — José Morais Arnaud, Fenella e Robin McCartney, «Os povoados pré e proto-históricos romanizados de Bal-

dio (Arronches) e Serra de Segóvia (Campo Maior) — Notícia preliminar»; Manuel Vieira Dinis, «O castro do Capelo Vermelho (Paços de Ferreira)»; António Vítor Guerra, «O outeiro de Santa Olaia e a arqueologia portuguesa»; Fernando Castelo Branco, «Subsídios para o estudo da Conferência Arqueológica da Citânia»; José Ignácio Carro Otero e Jesus Carro Garcia, «El tesoro de Castro Recouso: orfebreria galaico pré-romana»; José Maria Luengo y Martinez, «El tesoro céltico de Elviña». Epigrafia — Mário Pires Bento, «Lápide romana encontrada em Meimoa (Beira Baixa), em 7 de Fevereiro de 1970»; Fernando Acuña Castroviejo, «Los lares viales en la Galicia romana»; José Rosa de Araújo, «Marcos miliários da estrada romana de Braga e Valença»; Luís M. T. M. V. Coelho, «Epigrafia ogâmica do Sul de Portugal»; José Manuel dos Santos Encarnação, «O conceito de divindade indígena sob o domínio romano na Península Ibérica», e Maria Amélia Horta Pereira, «Situla de bronze com inscrição encontrada em S. Silvestre (Assafarge).

À noite, na Biblioteca Joanina da Universidade, houve um concerto dedicado aos congressistas e executado pelo Grupo de Música Antiga de Lisboa.

(*Novidades*, de 1-10-1970)

Com uma sessão plenária que hoje terá lugar às 18 horas, terminam nesta cidade as sessões de trabalhos integradas no II Congresso Nacional de Arqueologia, que desde o passado dia 28 de Setembro tem estado a decor-

rer na Faculdade de Letras, com a participação de centena e meia de especialistas.

Ontem, nas sessões da manhã, foram apresentadas as comunicações:

Neo-eneolítico — José Morais Arnaud, «Povoados neo-eneolíticos da Famão e Aboboreira (Ciladas, Vila Viçosa) — Notícia Preliminar»; Hermanfrid Schubart, «Escavações no castro eneolítico do Zambujal, no ano de 1970»; Carlos Tavares da Silva, «O povoado pré-histórico da Rotura. Notas sobre a cerâmica»; Eduardo Prescott Vicente e Gil Miguéis Andrade, «A estação arqueológica do Cabeço de Moínhos — Breve Notícia»; Vítor dos Santos Gonçalves, «A sequência cultural do castro da Rotura, o povoado de Chibanes — Escavações preliminares.

Arqueologia romana — Maria Adelaide de Figueiredo Garcia Pereira, «Algumas peças de *terra sigillata* do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia; Adília Alarcão, «*Terra sigillata* itálica em Portugal», em que fez a revisão crítica do material já publicado e o estudo de materiais inéditos (entre os quais se salienta um conjunto de cerca de trezentos fragmentos provenientes das escavações recentes de Conímbriga) permitem estabelecer os limites cronológicos da importação da *Terra sigillata* itálica para o nosso território e traçar a sua evolução. Além de um quadro das formas encontradas e respectiva cronologia, apresenta-se um inventário das marcas de oleiro, um gráfico da incidência das formas e um ensaio de sistematização de fabrico; Manuela Delgado, «Ce-

râmica campaniense em Portugal»; Françoise Mayet, «Céramique à parois fines du Portugal»; João Loureiro Saavedra Machado e Maria Antónia Graça, «Uma colecção de pedras gravadas. Elementos para um catálogo geral»; Jean-Pierre Bost e Marguerite Rachet, «Un trésor d'antoniani trouvé dans le cryptoportique de Conímbriga»; Ramón Rodríguez Bordallo, «El mosaico de la calle de Batibales (Lugo).

Vária — Mário de Castro Hipólito, «A necessidade de um Centro de Estudos de Numismática em Portugal»; Jorge Peixoto, «A informação científico-técnica em Arqueologia: considerações muito gerais»; Luís de Albuquerque e Castro, «Conservação e restauro dos monumentos pré-históricos»; José de Oliveira Boléo, «Subsídios para o estudo da cultura zimbaué na África Austral».

À tarde, teve lugar uma sessão plenária, em que foram apresentados os resultados das últimas escavações realizadas em Conímbriga, sob a direcção do Prof. Dr. Robert Étienne, da Universidade de Bordéus, e Dr. Jorge de Alarcão, e em que se salienta, como recuperação do maior valor, o «forum».

O «forum» de Conímbriga, foi descoberto entre 1965 e 1967, em escavações feitas pela Mission Archéologique Française au Portugal e o Museu Monográfico de Conímbriga. É um edifício de cerca de 100 × 50 metros, que compreende: 1, a praça pública com pórtico envolvente por três lados; 2, um terraço superior à praça, do lado norte desta, ocupado por um templo

de duas celas. A envolver este terraço, um criptopórtico em forma de U de cantos rectos, de abóbada assente em grossos pilares quadrados.

A cobertura abobadada do criptopórtico achou-se completamente demolida, de modo que a reconstrução do alçado desta parte do edifício põe alguns problemas. É possível que, sobre o criptopórtico, houvesse um pórtico, aberto para o terraço do templo e com a parede cega para o exterior.

Os materiais descobertos no pavimento térreo do criptopórtico são todos da primeira metade do séc. I d. C. O criptopórtico não pode, todavia, ser anterior ao resto do «forum» e este data da época dos Flávios. A destruição do criptopórtico data da segunda metade do século IV, como se depreende dos achados de «sigillata» clara, vidros e uma lanterna paleocristã.

O criptopórtico sofreu, do século I ao IV, algumas transformações, a principal das quais foi o aproveitamento de uma ala para uma enorme cisterna.

Tudo isto foi observado mais tarde pelos arqueólogos presentes, durante uma visita que efectuaram àquelas ruínas, e em que o Dr. Jorge de Alarcão os acompanhou, visita essa que lhes causou o maior interesse.

À noite, nos claustros do Mosteiro de Santa Cruz, a Câmara Municipal ofereceu um banquete aos congressistas, tendo, no final, o presidente do município, Sr. Eng.º Araújo Vieira, saudado os arqueólogos, dizendo ter sido

grande honra para esta cidade a realização de tão imponente Congresso.

Os trabalhos terminam hoje, seguindo-se depois uma série de excursões a estações arqueológicas nacionais.

(Primeiro de Janeiro, de 1-10-1970)

Realizaram-se ontem as últimas sessões de trabalho do II Congresso Nacional de Arqueologia, promovido pela Junta Nacional da Educação. De manhã houve três sessões simultâneas, nas quais apresentaram comunicações: sobre a «Idade do Bronze» os Srs. Mário Cardozo, António Augusto Tavares da Silva, Manuel Carlos Garcia Martinez e João de Castro Nunes; sobre «Arqueologia Romana», os Srs. Teodor Hauschild, Gustav Gamer, D. Isabel Sousa Pereira, D. Fernanda de Camargo e Almeida, Prof. Robert Étienne e Dr. Jorge de Alarcão; e sobre temas vários os Srs. Manuel Chamoso Lamas, Filipe Aras Vilas, D. Domingos de Pinho Brandão, Fernando Lanhas, Mário de Castro Hipólito, Dr. Manuel de Sousa de Oliveira e António Fialho Pinto.

À tarde, houve as duas últimas sessões de trabalho, com comunicações sobre a «Idade do Ferro», pelo Sr. Carlos Alberto Ferreira; e sobre «Arqueologia paleocristã e visigótica» pelos Srs. Helmut Schlunk, D. Domingos de Pinho Brandão e José Inácio Carro Otero.

Ilustrando a sua comunicação sobre «A estação arqueológica da Penha (Guimarães)», o Sr. Dr. Mário Cardozo fez projectar vários diapositivos para documentação da sua tese de que o

espólio arqueológico ali recolhido e actualmente exposto no Museu de Martins Sarmento, daquela cidade, datará de 930 anos a. C., como se deduz da análise das folhas de duas lanças de bronze descobertas recentemente naquela estação arqueológica.

Ao fim da tarde, realizou-se a sessão de encerramento do congresso para apresentação dos votos formulados pelas diversas secções.

O Sr. Dr. Jorge de Alarcão foi encarregado da redacção final dos votos aprovados, entre os quais figura uma sugestão no sentido de se efectuar em 1973 o próximo congresso em Guimarães, constituindo uma homenagem a Martins Sarmento.

O Sr. Prof. Lopes de Almeida, que presidiu, propôs um voto de louvor à comissão organizadora, o que foi aprovado.

Hoje, os congressistas deslocam-se a Torres Novas, a fim de visitar a vila lusitano-romana de Cardillo, a Torre de Palma, em Monforte, e a vila romana próxima, depois do que seguem para Estremoz e Évora. Sábado e domingo visitam a anta de Zambujeiro, o Castelo de Lousa (Mourão), as Antas de Reguengos de Monsaraz e ainda a Gruta de Escoural, no concelho de Montemor-o-Novo, cuja Câmara Municipal oferece aos visitantes um almoço, que será o de despedida dos participantes do II Congresso Nacional de Arqueologia.

(*Jornal de Notícias*, de 2-10-1970)

Na sessão de encerramento do II Congresso Nacional de Arqueologia,

no qual participaram cerca de 150 especialistas portugueses e estrangeiros, foram aprovadas as seguintes conclusões:

1.^a — Que o III Congresso Nacional de Arqueologia se reúna em 1973, em Guimarães, e constitua uma homenagem a Martins Sarmento.

2.^a — Que em futuros Congressos Nacionais de Arqueologia, o tempo consagrado a cada comunicação seja pelo menos de 30 minutos.

3.^a — Que se prepare um colóquio nacional, especialmente destinado à normalização da linguagem arqueológica. Este deverá funcionar em regime de mesa-redonda, por secções específicas, em cada uma das quais um relator lerá um texto básico, posto à disposição dos interessados, com pelo menos 15 dias de antecedência. O prazo de preparação deste colóquio não deverá ser inferior a dois anos.

4.^a — Que, ao realizarem-se obras públicas ou particulares que impliquem o remeximento de vestígios arqueológicos, sejam essas obras acompanhadas por um arqueólogo competente e superiormente designado.

5.^a — Que se crie em Portugal um Centro Universitário de Estudos Numismáticos.

6.^a — Que sejam retomadas as escavações realizadas por Santos Rocha, nos outeiros de Santa Olaia e Serrestelo (Montemor-o-Velho).

7.^a — Que se evitem, com a possível urgência, todos os esforços necessários para que as ruínas de Milreu (Faro) sejam devidamente salvaguardadas, defendidas e valorizadas, e pos-

teriormente escavadas, como reclama a importância arqueológica e turística do sítio.

8.^a — Que, da tese doutoral de Theodor Hauschild, sobre Milreu, seja feita uma versão resumida, que possa servir de guia turístico das ruínas.

9.^a — Que prossigam activamente as escavações do templo visigótico de S. Gião (Famalicão da Nazaré); que se promova o necessário restauro e consolidação e sejam adquiridos pelo Estado o edifício e terreno envolventes.

(*Diário Popular*, de 2-10-1970)

Achado de peças do período romano em Lagos

No decurso dos trabalhos efectuados na R. Silva Lopes, em Lagos, para estabelecimento dos cabos condutores para a rede telefónica a determinar com a nova estação dos C. T. T., os trabalhadores fizeram surgir várias pequenas ânforas, pedaços de uma coluna de pedra, fragmentos de cerâmica e tijolos de origem romana. Estes achados confirmam a teoria há tempos exposta pelo saudoso dr. José Formosinho, de que, um corte vertical naquela área, a certa profundidade, daria elementos para identificar a Lacóbriga dos Lusitanos como tendo sido fundada no local onde hoje se ergue a cidade de Lagos.

(*Jornal do Algarve*, de 3-1-1970)

Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses

Reuniu-se a secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portu-

gueses sob a presidência do dr. Manuel Farinha dos Santos. Antes da ordem de trabalhos, o presidente agradeceu a confiança com que o distinguiram para o próximo triénio e historiou a actividade da secção desde os princípios do século, prestando comovida homenagem aos seus ilustres antecessores que foram Leite de Vasconcelos, Joaquim Fontes e Afonso do Paço. A seguir, o dr. Farinha dos Santos apresentou o programa das actividades a desenvolver em 1970, referindo-se à ordem dos trabalhos em cada sessão e preconizando que se devem estreitar relações com organismos nacionais e estrangeiros da especialidade e que interessa obter por permuta, mais revistas, considerando, ainda, a participação nos Congressos de 1970 e em visitas de estudo. Indicou depois que no próximo mês de Janeiro se efectuará uma conferência do dr. Veiga Ferreira sobre «Uma estação de cerâmica cardial descoberta no Algarve» e em Fevereiro o dr. Pires Gonçalves virá a Lisboa falar dos «Menires de Reguengos de Monsaraz», fazendo conferências nos meses seguintes o Sr. D. Domingos Pinho Brandão, Bispo-Auxiliar de Leiria e Leonel Trindade, de Torres Vedras. Passando a ocupar-se da recensão de publicações e notícias, o dr. Farinha dos Santos elogiou a conferência que o dr. Leonel Ribeiro proferiu na Figueira da Foz e manifestou o maior apreço pela útil publicação do arquitecto Fernando Lanhas e D. Domingos Pinho Brandão sobre o «Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico». Depois o

presidente da Secção de Pré-história fez uma análise do volume 6 dos «Papeles del Laboratorio de Arqueologia de Valência» relatando o que há de interesse nesta obra. Tratando depois de algumas notícias arqueológicas da maior relevância, o dr. Farinha dos Santos começou por referir-se à nova teoria sobre a antiguidade do «Homo sapiens», apresentada recentemente por 147 especialistas de 35 países no Colóquio de Paleontologia Humana, realizado em Paris sob o patrocínio da U. N. E. S. C. O. e segundo a qual o «Homo sapiens» é mais antigo do que se supunha pois em vez de ter entre 30 000 a 50 000 anos está provado, pelas últimas descobertas na Etiópia, Israel e França, que remonta a 60 000 ou mesmo a 100 000 anos. Tal recuo leva a admitir contemporaneidade com a última fase do Homem de Neandertal, a fabricar utensílios análogos, o que vem revolucionar o conceito do Homem moderno e abre grande brecha nas ideias sobre o admitido «passo da reflexão». A seguir, o presidente referiu-se à «reforma da investigação arqueológica» em curso em França, onde vai ser criado o «Instituto Nacional de Arqueologia», organismo que centralizará todas as actividades arqueológicas, determinará a prioridade das escavações e distribuirá as verbas. O Instituto Nacional de Arqueologia fomentará a descentralização regional em circunscrições que possuirão museus de antiguidades, depósitos de escavações, laboratórios, centros de documentação com bibliotecas especializadas, fototeca, secções de fo-

tografia, desenho e planimetria, etc. Por último, antes da ordem da tarde, o dr. Farinha dos Santos referiu-se à importante descoberta de 40 grutas decoradas com pinturas rupestres no Estado de Mato Grosso, do Brasil, pertencentes, na maior parte, a um ciclo artístico naturalista semelhante ao da pintura primitiva europeia. A seguir o dr. Eduardo da Cunha Serrão apresentou uma comunicação sobre a feição arquitectónica dos sepulcros de falsa cúpula (*thóloi*), que, recentemente examinou na importante estação arqueológica espanhola de Los Millares (Almeria), com o objectivo de estabelecer a comparação entre tais monumentos e dois similares, há pouco mais de 10 anos explorados em Olelas (Sintre), pelo autor da comunicação e pelo arqueólogo Eduardo Prescott Vicente que os havia detectado anteriormente. Do exame dos sepulcros de Los Millares, o dr. Cunha Serrão também obteve elementos que, a seu ver, reforçam a hipótese que defende (assim como os arqueólogos Leisner), segundo a qual a origem dos dólmenes portugueses não está no foco de Los Millares, como outros pretendem. Esta comunicação foi documentada com projecções mostrando aspectos do povoado e da necrópole almerienses.

(*Novidades*, de 3-1-1970)

Restos do primeiro mosteiro de Salzedas (Tarouca)

A cerca de quinze quilómetros de Lamego, na freguesia de Salzedas, concelho de Tarouca, encontra-se loca-

lizado um mosteiro, outrora da ordem de Cister, hoje Igreja Paroquial daquela freguesia. A história deste mosteiro — que se impõe pela grandiosidade da sua fachada, pela majestosidade das suas três naves interiores — remonta aos primórdios da nacionalidade, pois foi mandado construir por D. Teresa Afonso, filha do conde D. Afonso das Astúrias, esposa de D. Egas Moniz e ama do nosso primeiro rei, D. Afonso Henriques. Ao que se sabe, a sua conclusão data de 1125. Contudo, existe a lenda de que o local onde o mosteiro se encontra actualmente erecto não era o mesmo onde o primitivo fora edificado. Segundo frei Baltasar dos Reis, na «História da Fundação do Mosteiro de Salzedas», o aludido mosteiro estava localizado a 1500 metros do sítio onde o actual ora domina a paisagem. Parafraseando-o: «... abaixo da villa da Ucanha, na comarca da cidade de Lamego, duas legoas dela, ao qual intitulou o Mosteiro de Santa Maria de Salzeda (e por memória delle se chama agora onde esteve este Mosteiro edificado Nossa Senhora da Abadia Velha, que o tempo consumio)». Arqueólogos famosos duvidaram destas afirmações e, por conseguinte, da existência de outro local, que não fosse o mesmo do actual, para o primitivo mosteiro. Assim pensavam Leite de Vasconcelos e Almeida Fernandes, conquanto este tivesse afirmado, na «Grande Enciclopédia Luso-Brasileira», existirem «por debaixo do solo arável, pedras de pavimento ou de alicerce,

além de algumas pedras sigladas dispersas por muros de suporte e até de sepultura». Mas, no decurso do Verão e Outono findos, a lenda transformou-se em realidade. Com efeito, existiu um local diferente, onde o primeiro mosteiro esteve erecto, situado precisamente no sítio indicado por frei Baltasar dos Reis. Efectivamente, começaram por ser descobertos capitéis românicos, pedras lavradas e pedaços de colunas e tal impeliu o proprietário do local a prosseguir, a expensas suas, com as escavações. O certo é que a maior parte dos alicerces se encontram já à luz do Sol.

(Primeiro de Janeiro, de 24-1-1970)

Descoberta de um menir na Herdade do Xarez (Reguergos de Monsaraz)

O levantamento e reposição do «menir» do Outeiro, sob o patrocínio da Junta Distrital de Évora, suscitou o interesse das populações da região de Monsaraz pelos monumentos megalíticos deste tipo e levou agora o lavrador sr. José Cruz a prospectar um novo e importante conjunto arqueológico do tipo «menires» localizado na herdade do Xarez, entre Monsaraz e o rio Guadiana. Imediatamente comunicado o achado ao sr. dr. Pires Gonçalves este arqueólogo deslocou-se ao local assinalado e ali verificou tratar-se, de facto, de um importante conjunto megalítico composto por vários «menires» que se admite terem integrado um «cromlech» de amplo cir-

cuído. O maior megálito do conjunto é também, como o famoso «menir» do Outeiro, do tipo «fálico», embora sem os preciosismos de diferenciação anatómica figurados neste último monumento. Este novo «menir fálico» de Monsaraz, constituído por uma coluna irregularmente cilíndrica de granito e medindo cerca de 4 metros de comprimento — sensivelmente da altura do «menir» dos Almendres, na região de Évora — por 0,75 m de diâmetro médio, encontrava-se prostrado e quase totalmente enterrado em local próximo da eira do «monte» do Xarez, a uns 200 metros deste «monte», perto da estrada que, da ponte do Guadiana, conduz a Monsaraz. A maior parte dos «menires» que integravam o primitivo traçado do «cromlech», estão felizmente intactos. Foram deslocados, arrastados e amontoados pelas máquinas que procediam a operações de despedramento na herdade do Xarez. Alguns dos megálitos ainda se encontram prostrados e soterrados «in situ» e, talvez, consintam uma tentativa de reconstituição do traçado primitivo do «cromlech». O sr. dr. Raul Miguel Rosado Fernandes, proprietário da herdade onde ocorreu este importante achado arqueológico, logo que dele tomou conhecimento, ordenou imediatamente a suspensão dos trabalhos de despedramento naquela zona e a protecção e recuperação de todos os «menires» que integravam o conjunto monumental.

(*Revista Alentejana*, Janeiro de 1970)

Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses

Reuniu-se a secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses sob a presidência do Dr. Manuel Farinha dos Santos. Antes da comunicação do mês, o presidente ocupou-se da recensão das últimas publicações e notícias, começando por analisar a obra «A vida dos Lusitanos no tempo de Viriato» da autoria dos Drs. Octávio e Seomara da Veiga Ferreira, que classificou de modelar síntese, de um dos períodos que melhor fundamenta, pelos seus aspectos originais, as raízes da nossa nacionalidade, a merecer divulgação entre os estudantes dos vários graus de ensino. A seguir o Dr. Farinha dos Santos apreciou o livro «Caçadores da Idade da Pedra», que considera uma visão actualizada das civilizações paleolíticas e referiu-se ao importante volume, recentemente publicado em Paris, intitulado «A Arqueologia — descoberta das civilizações desaparecidas». Depois o presidente deu conhecimento das últimas descobertas arqueológicas na estação eneolítica de Cascioarele (Roménia), na qual o Prof. Dumitrescu identificou um santuário com pinturas geométricas no interior e onde, 4000 a. C., se praticava o culto das colunas, idêntico ao divulgado em Creta, durante a época minóica, e no Ocidente da Europa, quando da erecção dos menires. Seguidamente, o Dr. Carl Harpsøe referiu-se à última publicação anual do Museu Nacional da Dinamarca, onde consta a reconstituição pela radiogra-

fia, das técnicas de fabrico dos objectos de bronze, uma notícia sobre o mesolítico de Villingebaeck e outra acerca de presumíveis santuários megalíticos. Depois, o Dr. Veiga Ferreira pronunciou a comunicação mensal, dando conhecimento da existência de uma nova estação pré-histórica com cerâmica cardial, descoberta pelo geólogo Dr. Manupella na região do Cabo de Sagres e, a propósito, indicou a distribuição geográfica deste tipo de cerâmica primitiva em Portugal e a sua cronologia, nas estações francesas e espanholas, obtida pelas análises do Carbono 14, a permitir uma datação do 5.º milénio. Ao terminar, o Dr. Veiga Ferreira apresentou o panorama do Neolítico português até à sua fase mais recente com tipos de cerâmica em falsa folha de acácia.

(*A Voz*, de 1-2-1970)

Curso de introdução à Arqueologia em Braga

No anfiteatro da Faculdade de Filosofia, realizou-se no passado dia 14 a abertura do Curso de Introdução à Arqueologia, iniciativa dos serviços culturais da Câmara Municipal que, de ano para ano, suscita renovado interesse, principalmente entre a juventude dos vários estabelecimentos de ensino. Esteve presente o vereador daqueles serviços e director da Biblioteca Pública Sr. Dr. Egídio Guimarães, que dirigiu palavras de homenagem e de agradecimento ao Sr. Dr. José João Rigaud de Sousa, por mais uma vez,

embora com sacrifício, se ter prontificado amavelmente a continuar a regência do curso e ao director da Faculdade, pelas facilidades concedidas. O orador deteve-se depois em considerações acerca das actividades a levar a efeito neste período, particularmente, as visitas de estudo a realizar. Seguidamente, o Sr. Prof. Dr. Rigaud de Sousa saudou os alunos presentes, congratulou-se com a comparência de novos elementos. Prosseguindo, passou a expor o tema das lições deste ano que versarão sobre cerâmica, um dos capítulos muito importantes na arqueologia, e da campanha de escavações a efectuar na próxima época. Ainda na mesma sessão inaugural, o Sr. Eduardo de Oliveira, aluno distinto e activo colaborador nas várias iniciativas culturais anunciou que está a organizar-se um Grupo de Estudos Bracarenses, constituído por alunos deste curso e que os respectivos estatutos se encontram quase concluídos. A declaração do Sr. Eduardo de Oliveira mereceu a aprovação e o aplauso das entidades presentes. As lições efectuem-se aos sábados, às 18 horas, no mesmo local.

(*A Voz*, de 20-2-1970)

Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses

Reuniu-se a secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses, sob a presidência do Sr. Dr. Farinha dos Santos. Antes da comunicação do mês o presidente cum-

primentou, em nome da Secção, os novos sócios efectivos, Srs. Drs. João Salvado, Maria Salete Simões e Maria Cristina Santos e referiu-se à recente visita do Sr. Prof. Pericot, da Universidade de Barcelona, a Lisboa. Seguidamente, a Sr.^a Dr.^a Maria Amélia Horta Pereira aludiu ao falecimento de Hipólito Cabaço e à sua vasta obra de pioneiro da arqueologia portuguesa, especialmente na Bacia do Tejo. Passando a tratar da recensão de publicações e notícias, o Dr. Farinha dos Santos traçou um panorama das actividades do Instituto de Arqueologia Alemão nos países meridionais, desde Portugal à Pérsia, com filiais em Madrid, Roma, Atenas, Istambul, Bagdad, Teerão e Cairo, falando, a propósito, do que tem sido o trabalho da missão alemã no nosso povoado fortificado do Zambujal. Deu conhecimento, ainda, do que há de interesse nos últimos fascículos da revista «Suíça» primitiva, da descoberta de pinturas rupestres em Navarra, do artigo de Cristina Santos sobre o paleolítico de Viana do Castelo na última «Brotéria» e de outras recentes publicações dedicadas à arqueologia. Também o Dr. Vítor Gonçalves fez a recensão da última obra de Niel sobre a civilização megalítica. A seguir o Dr. José Pires Gonçalves apresentou uma importante comunicação sobre os «Menires de Monsaraz» onde começou por referir-se aos aspectos gerais do megalitismo em Portugal, à riqueza megalítica da região de Monsaraz, aos trabalhos do casal Leisner, ao conceito da raridade tipológica do menir no

contexto do megalitismo português. Aludindo, a seguir, ao caso singular de Monsaraz e à sua grande riqueza em monumentos de tipo menir, aludiu aos trabalhos dos arqueólogos Henrique Pina e Farinha dos Santos e à sua contribuição pessoal nas prospecções do megalitismo de Monsaraz. A propósito deu notícia dos vários menires e recintos megalíticos de Monsaraz: Penedo Gordo, Rocha dos Namorados, Penedo Comprido, menir da Bulhóa, gigantesco menir da Pedra Alçada, «cromelechs» da Farisôa e do Monte da Ribeira do Álama e témeno do Xarez. Para terminar, o Dr. Pires Gonçalves referiu-se à morfologia fálica dominante do núcleo dos menires de Monsaraz, às gravuras, a comparações tipológicas, a implicações culturais do culto fálico na região, aos amuletos fálicos e às prováveis relações dos menires de Monsaraz com os traçados megalíticos. Esta excepcional comunicação, repleta de novidades, foi documentada com diapositivos e mereceu os maiores louvores dos arqueólogos presentes, entre os quais o presidente que pôs em evidência a relevância científica do trabalho e a seriedade com que o Dr. Pires Gonçalves o tratou.

(*República*, de 28-2-1970)

Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses

Reuniu-se a Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses sob a presidência do Dr. Farinha dos Santos. Antes da comunicação

do mês, efectuou-se a recensão das últimas notícias e publicações, referindo-se, a propósito, o presidente ao recente achado de inscrições ibéricas na Herdade da Mealhada Nova, próximo da aldeia de Palheiros, concelho de Ourique, afirmando que o seu estudo está muito bem entregue ao arqueólogo Nunes Ribeiro, de Beja, discípulo do grande mestre Abel Viana. O Dr. Farinha dos Santos apreciou, ainda, o último volume de «O Arqueólogo Português», há dias publicado e com nível científico que nos dignifica perante a arqueologia europeia e referiu-se, também, à obra «África Austral» da colecção «História Mundi» que classificou de uma das sínteses mais interessantes e actualizadas da pré-história africana, ao último número da revista «Archeologia» e do boletim da Sociedade Pré-histórica de Ariège e à recente descoberta de numerosas pinturas rupestres esquemáticas em Eve Vaiola, perto da povoação de Mungo, distrito de Huambo, Angola, estudadas pelo Prof. Santos Júnior, catedrático de Antropologia da Universidade de Luanda. No âmbito das recensões, os estudantes Vítor de Oliveira Jorge e Luís Coelho, do Círculo de Estudos Arqueológicos da Faculdade de Letras de Lisboa, apreciaram, respectivamente, a monumental obra de José Merino, dedicada à «Tipologia Lítica» e a exaustiva publicação de Nicolini sobre «Os Bronzes Figurados dos Santuários Ibéricos». A seguir o Dr. Vítor Gonçalves apresentou uma comunicação sobre «O Castro de Chibanes» onde principiou por referir-se às dife-

rentes fases de ocupação humana daquele povoado da região de Setúbal, testemunhadas nos materiais exumados por Marques da Costa nos princípios deste século, que permitem prever a sequência cultural a obter nas próximas escavações que ali pretende realizar no âmbito das actividades do Museu Nacional de Arqueologia. Descreveu, a seguir, o local e propôs conclusões para o que já se conhece do contexto arqueológico de Chibanes apontando, entre outros problemas fundamentais, a importância desta investigação para o conhecimento, na Península de Setúbal, do Neolítico, das prováveis trocas comerciais com o Mediterrâneo Oriental, da cultura campaniforme, do advento da Idade do Ferro e da romanização. Esta comunicação, ilustrada com diapositivos, de um jovem arqueólogo que se licenciou, recentemente, com alta classificação, mereceu elogiosas referências dos Drs. Bandeira Ferreira e Veiga Ferreira, que admitiram a possibilidade do Dr. Vítor Gonçalves vir a identificar em Chibanes a lendária cidade lusitano-romana de Cetóbriga de que falam os clássicos, e, ainda, do Dr. Eduardo Serrão e do presidente que puseram em evidência a importância desta estação arqueológica da região de Setúbal.

(*República*, de 20-3-1970)

Descoberta do túmulo de um herói terceirense

Localizado ocasionalmente, foi posto a descoberto na manuelina igreja ma-

triz da Praia da Vitória, o túmulo do capitão Francisco Ornelas da Câmara. herói terceirense da Restauração da Independência. Foi ele quem, por incumbência régia, veio à Ilha Terceira em 1641 proclamar D. João IV Rei de Portugal, dando assim início à gesta do cerco e da tomada da fortaleza filipina de Angra. A pedra tumular do capitão Ornelas da Câmara ostenta diversas inscrições, a cujo estudo se vai proceder.

(*A Voz*, de 19-3-1970)

A lápide hebraica de Gouveia

Uma lápida com caracteres hebraicos encontrada em Gouveia pelos pedreiros que procediam à demolição de um conjunto de velhas casas na Rua Nova (classificação toponímica que recorda a presença de comunidade judaica formada por «cristãos») vem ao encontro da referência feita por Alexandre Herculano no seu livro «História da Inquisição em Portugal» de que nos princípios do século XVI existia uma grande comunidade hebraica em Gouveia. Uma especialista de Lisboa em assuntos hebraicos, ao tomar conhecimento da referida inscrição, esclareceu que ela devia ter estado colocada sobre o portal de uma sinagoga. A leitura da inscrição da lápida foi a seguinte: «A glória desta casa será maior do que a da primeira (diz o Senhor dos exércitos: a Casa da nossa santificação e da nossa glória); e os resgatados do Senhor regressarão e voltarão para Sião em Alegria (257).» O conteúdo

da inscrição relaciona-se com três passagens bíblicas dos Livros de Ageu de Isaías. O autor que queria celebrar a inauguração da sinagoga local com a inscrição, atribuía àquela as palavras dos profetas, onde se fala da Casa de Deus (O Templo) com um pensamento para Sião. O ano de 257 corresponde a 5257 do calendário hebraico é o ano de 1496 (ou 1497, visto o ano hebraico terminar em Setembro). Encontra-se actualmente no Museu de Gouveia.

(*Notícias de Ovar*, de 20-2-1970)

Inauguração do III Curso de Iniciação à Arqueologia

O 3.º Curso de Arqueologia, organizado pelo Centro Nacional de Arqueologia dos Serviços Culturais da Mocidade Portuguesa iniciou-se, sob a presidência do Comissário Nacional, em exercício, e no qual participam sessenta estudantes do ensino universitário e secundário de Lisboa e Província. A lição inaugural intitulada «A Juventude e a Arqueologia» foi proferida pelo Dr. Manuel Farinha dos Santos que dividiu a exposição nas quatro seguintes partes: razões por que os jovens se interessam pelo passado humano; participação activa da Juventude nos trabalhos arqueológicos; o que os jovens nunca devem fazer em Arqueologia; como é que a Juventude pode auxiliar a arqueologia portuguesa. Ao falar dos motivos que levam os estudantes a interessarem-se pelo passado que envolve as primeiras civi-

lizações e do gosto de coleccionar objectos fabricados em épocas distantes, o que lança certos jovens na procura desenfreada de objectos arqueológicos, disse que só eufemisticamente se pode chamar a tal actividade «fazer arqueologia» embora se trate simplesmente de uma recreação a par daquelas que levam a coleccionar borboletas, plantas, selos ou conchas. Muito há de aproveitável no interesse dos estudantes pela Arqueologia que deve ser aproveitado de uma maneira sistemática, integrando tais esforços na rotina da actividade científica. De outro modo, todo o esforço realizado é além de estéril, prejudicial. A Arqueologia deixou de ser um passatempo para se transformar num domínio com rigorosa metodologia. O exercício da Arqueologia requer longa aprendizagem junto de especialistas. Tratando a seguir da participação activa da Juventude nos trabalhos arqueológicos referiu-se à necessidade de dar expressão colectiva a tal actividade. O arqueólogo a trabalhar isoladamente está ultrapassado. Os estudantes interessados em fazer Arqueologia devem procurar os arqueólogos que estão sempre dispostos a aceitar jovens colaboradores para os trabalhos de campo e de gabinete, principalmente durante as férias escolares. Usou, depois da palavra o architecto Melo Raposo que salientou o interesse da lição e a atenção evidenciada pelos estudantes durante a exposição acentuando o valor que as actividades circum-escolares da M. P. representam para a formação técnica e humanística dos jovens. O curso pros-

seguiu, depois, na Associação dos Arqueólogos Portugueses com lições-colóquios dos Drs. João Salvado, Farinha dos Santos e Veiga Ferreira. Hoje, de manhã e à tarde, prosseguem as lições teórico-práticas no Museu Nacional de Arqueologia, em Belém.

(*Diário da Manhã*, de 19-3-1970)

Inscrições indígenas descobertas na Herdade de Mealha Nova (Ourique)

Apareceram há dias durante os trabalhos de alqueive na herdade do Mealha Nova, a um quilómetro da Aldeia dos Palheiros, na freguesia e concelho de Ourique, propriedade do Sr. Aníbal Loução Lobo, várias pedras com sinais.

A notícia do achado foi transmitida aos Srs. Ramiro Nobre Sobral de Vilhena e António Vitorino de Matos, de Ourique, os quais promoveram o transporte dessas pedras para aquela vila, depois de obtido o consentimento do proprietário da herdade. O facto foi comunicado, também, ao arqueólogo desta cidade, Dr. Fernando Nunes Ribeiro que se deslocara ali, recentemente, sendo então confirmadas as suposições de se tratar de inscrições ibéricas, relativamente abundantes no Sul do País e, em particular, no concelho de Ourique. Como habitualmente trata-se de lajes de xisto, com sinais gravados, segundo uma ordem regular que, mesmo permanecendo até hoje, sem tradução possível, podem datar-se com relativa margem de erro, como pertencendo ao período

proto-histórico daquela zona do País. As inscrições terão, portanto, cerca de 2500 anos e constituem documento da cultura do povo que aqui viveu nas remotas eras da Idade do Bronze. De salientar a rápida intervenção das duas mencionadas personalidades, ao procederem à recolha das inscrições, e a compreensão manifestada pelo proprietário do terreno, o que tornou possível evitar a habitual destruição por incúria, de documentos de grande valor histórico. As inscrições encontram-se actualmente nesta cidade, à guarda do arqueólogo Dr. Fernando Nunes Ribeiro, director da revista *Arquivo de Beja*, até que possam ser expostas em lugar apropriado, e fazendo parte do conjunto em que, cronologicamente, se integram.

(Primeiro de Janeiro, de 19-3-1970)

III Curso de Iniciação à Arqueologia

O III curso promovido pelo Centro Nacional de Arqueologia da Direcção dos Serviços Culturais da M. P. foi, ontem, encerrado, na Estação Arqueológica de Tróia, pelo comissário nacional em exercício, arquitecto Melo Raposo, acompanhado do Dr. Fernando de Campos, director daqueles serviços.

No referido curso participaram cinquenta estudantes universitários e do ensino secundário, os quais, durante oito dias, ouviram as lições proferidas nos Museus do Carmo e Nacional de Arqueologia, terminando com três dias de acantonamento em Tróia. Foram

professores do referido curso o director da Faculdade de Letras, Prof. Dr. D. Fernando de Almeida, para os períodos romano e visigótico; o Dr. Manuel Farinha dos Santos, que proferiu lições sobre «Descoberta e identificação de estações arqueológicas», «Paleolítico recente», «Idade do Bronze», «Idade do Ferro», «Técnicas de escavações I e II», dirigindo, ainda, colóquios entre os participantes e acompanhando os estudantes em Tróia; Dr. Octávio da Veiga Ferreira sobre «Tipos de estações arqueológicas», «Paleolítico antigo», «Mesolítico», «Neolítico e Eneolítico» e «Cultura campaniforme»; Dr.^a Maria Saete Simões, que proferiu lições sobre «Quem faz arqueologia em Portugal», «Onde se faz arqueologia em Portugal», «Legislação arqueológica», «Necessidade de fazer sondagens ou escavações de emergência — modo de proceder» e «Ourivesaria arcaica portuguesa»; Dr. João Salvado, director do curso, sobre «Cultura megalítica», «Recolha e conservação dos objectos e subprodutos». Nos três dias que durou o acantonamento em Tróia, os cursistas, acompanhados pelos Drs. Manuel Farinha dos Santos, Dr. João Salvado e marquês de Abrantes, participaram em colóquios sobre as matérias dadas, assistiram às aulas proferidas pelo Prof. Dr. D. Fernando de Almeida nas ruínas da Estação Lusitano-Romana de Tróia e trataram de problemas relativos à constituição de um Centro de Arqueologia, estudando outras iniciativas relacionadas com futuras actividades arqueológicas. O arquitecto Melo Raposo, depois de

participar num colóquio com os cursistas, presidiu ao almoço de confraternização, durante o qual dois alunos, Luís Pascoal e Maria Amélia Delgado Frias, agradeceram a promoção do referido curso, salientaram as vantagens positivas que do mesmo resultaram para os estudantes, solicitando a continuação de outras iniciativas arqueológicas para valorização técnica e cultural da juventude estudantil interessada no domínio da arqueologia. Falou, depois, o Dr. João Salvado, director do curso, que agradeceu a presença das entidades, salientou o grande interesse que milhares de jovens de todo o Mundo demonstram pela descoberta que o maravilhoso sector da arqueologia lhes proporciona, afirmando: «O arqueólogo conquista esse mundo fascinante através de espólios e monumentos exumados, utilizando técnicas e métodos rigorosos, descobrindo os profundos traços das actividades e das manifestações espirituais e materiais dos seus autores. As terras virgens guardam os milenários segredos da vida dos nossos antepassados, não podendo reconstituir-se a existência dessas antiquíssimas civilizações sem aquele sagrado respeito que elas nos merecem num diálogo de compreensão e amor.»

Justificou, depois, a presença interessada de tantos jovens, agradeceu a valiosa colaboração que os professores prestaram e acentuou a importância de realizações positivas daquele género de actividades promovidas pela Mocidade Portuguesa, vindo ao encontro dos desejos de valorização demonstrada pela juventude. O arquitecto

Mello Raposo encerrou a seguir, o curso com palavras de elogio pelos resultados que observara, esclareceu, pormenorizadamente, os objectivos e a orgânica das actividades circum-escolares da Mocidade Portuguesa a funcionar como Direcção-Geral daquelas actividades para os estabelecimentos do ensino, agradeceu aos professores do curso a importante colaboração que lhe tinham prestado e prometeu todo o seu interesse e apoio a iniciativas arqueológicas que os participantes daquele curso, devidamente organizados se propõem levar a efeito, orientados sempre por arqueólogos responsáveis. Seguiu-se uma visita à estação Lusitano-Romana de Tróia orientada pelo Dr. Manuel Farinha dos Santos, durante a qual aquele arqueólogo, depois de historiar as notícias existentes sobre as ruínas de Tróia de Setúbal, salientou: «A problemática de Tróia articula-se fundamentalmente, em dois planos: o de saber qual o nome deste vasto burgo romano, cuja actividade principal era a pesca dos atuns e de outros grandes peixes e a preparação do «Garum», pasta de peixe que, em conserva, era depois exportada para Roma e outros centros importantes do Império e, aquele que diz respeito às escavações e recolhas de objectos, realizados em várias épocas, assim como à descoberta de numerosas estruturas arquitectónicas.» A primeira questão, colocada por eruditos sem grande experiência de trabalhos de campo, tem-se revelado estéril e só poderá ser resolvida com o apoio do arqueólogo, em especial das fontes epigráficas. A das

fontes arqueológicas exige o estudo pormenorizado de todas as estruturas e espólios até agora descobertos em Tróia e, também uma actividade sistematizada e intensa na referida estação, de acordo com as técnicas arqueológicas em vigor. O Dr. Farinha dos Santos explicou as ruínas que iam sendo visitadas e que se espalham ao longo de três quilómetros, observando-se na área conhecida, numerosos tanques de salga de peixe, bairros de casas de habitações, paredes com estuque pintado, termas, poços, sepulturas e diversas escadas.

(*Diário de Notícias*, de 27-3-1970)

Escavações no Castro de Sabrosa

Embora o estado do tempo não tenha sido muito favorável nos últimos dias, prosseguem activas as escavações arqueológicas no Castro de Sabrosa. Nos trabalhos em curso, colaboram entusiasticamente, aproveitando as férias da Páscoa, filiados da Mocidade Portuguesa que acamparam nos terrenos da Industrial Mineira de Sabrosa, acompanhados do delegado distrital e director da Escola Industrial e Comercial de Vila Real, Sr. Dr. José Gomes Dias Leitão, e do professor de História do ciclo preparatório, Sr. Alberto Rego de Barros Teixeira.

(*Jornal de Notícias*, de 27-3-1970)

Curso de Introdução à Arqueologia em Braga

O Curso de Introdução à Arqueologia, frequentado na sua quase totali-

dade por alunos dos vários estabelecimentos de ensino desta cidade e alguns da Universidade do Porto, realizou, durante as férias da Páscoa, uma visita de estudo integrada no presente ano lectivo. A turma foi acompanhada e orientada pelos Srs. Dr. Egídio Guimarães, vereador do pelouro da Cultura, da Câmara Municipal, e cônego Arlindo Ribeiro da Cunha, arqueólogo e vice-presidente da Junta Distrital, organismos que patrocinam o funcionamento do referido curso. Consistiu o programa da visita em estudar «in loco» alguns museus e monumentos nacionais de interesse histórico, arqueológico, e artístico, nomeadamente: em Tomar, o convento de Cristo e o castelo; em Santarém, a igreja-museu de S. João do Alporão e a igreja da Graça; o Castro de Vila Nova de S. Pedro; em Lisboa, a torre de Belém, o Museu Nacional de Arte Antiga, a biblioteca e museu da Fundação Gulbenkian; na Figueira da Foz, o museu «Dr. Santos Rocha», etc. Foi uma jornada densa de trabalho para tão curto período de tempo, mas de notáveis resultados culturais, que deixou a melhor impressão em quantos nela participaram.

(*Jornal de Notícias*, de 1-4-1970)

Pinturas rupestres de Tchitundo Hulo (Angola)

Ainda não há vinte anos foi descoberta, no deserto de Moçâmedes, uma estação pré-histórica que confirma a existência duma vida activa de povos muito antigos, nesta parte de Namibe,

dos quais até agora pouco se sabe. Trata-se das gravuras e pinturas rupestres no Tchitundo Hulo, o «Morro das Almas» ou o «Morro Sagrado» dos Ouisses, conforme se pode traduzir da língua falada pela gente da região. Esta estação de arte rupestre fica a cento e cinquenta quilómetros para sudeste da Cidade de Namibe, num morro do sopé da Cordilheira da Chela, já para a zona semi-desértica mas na parte rochosa da região habitada pelos Cuisses, o povo mais antigo conhecido desta terra, povo que nunca usou tintas para pintar nem se dedicou a qualquer espécie de arte. Embora o Tchtundo Hulo já tivesse sido visitado por várias pessoas, nacionais e estrangeiras e Camarate França tivesse publicado no «Mensário Administrativo» um pequeno trabalho, o seu estudo completo está ainda longe de ser realizado. Esta importante estação de alto valor arqueológico foi visitada pelo Professor Doutor Santos Júnior, da Universidade de Luanda, onde rege as cadeiras de Zoologia e Antropologia. Veio acompanhado do director do nosso jornal, Sr. Ruy Correia de Freitas, pelo seu assistente, Sr. Dr. Carlos Ervedosa e pelo Sr. Joaquim de Carvalho Ervedosa, administrador da Empresa Gráfica de Angola. Ali estiveram durante algumas horas e ficaram maravilhados com esta valiosa parcela do património arqueológico da Província. Também o mesmo professor afirmou tratar-se dum documento importantíssimo e em bom estado de conservação. O Governo do Distrito de Moçâmedes ordenou a implantação dum gradeamento ao longo

da boca da pala ou abrigo. Deste modo aquela importante estação arqueológica fica defendida da acção nefasta daqueles que por ignorância ou vandalismo pudessem deteriorar as pinturas, como já aconteceu a um dos motivos ali representados. Este mesmo abrigo, como já dissemos o mais importante, tem uma boa superfície do tecto pintada, que avaliamos nuns nove ou dez metros quadrados, com composições artísticas em que há alguns motivos sobrepostos, o que pode muito bem indicar tratar-se de trabalhos feitos em épocas diferentes. As cores usadas na arte rupestre do Tchitundo Hulo, são dois tons de encarnado, o preto e o branco. Certamente que os motivos ali representados se prestam a várias interpretações, pelo menos à nossa vista. No entanto, embora assaz estilizados, parecem-nos identificáveis o leão, o leopardo, o cágado, a rola e mucungo (tipo de lagarto que servia de alimento aos boximanes e outros). Interessa fazer o estudo integral daquelas pinturas. O Prof. Dr. Santos Júnior e o seu colaborador Carlos Ervedosa que estudaram as pinturas rupestres do Coninguirí admitem que aquela pala pintada tenha sido local de práticas rituais. Um dos sinais parece poder interpretar-se como uma estilização de tartaruga. Se tal interpretação estiver certa, e como a tartaruga é considerada a deusa da chuva, é bem provável que ali se procedessem a práticas rituais *ad petendum pluviam*. E a outras práticas supersticiosas em torno do culto dos mortos, como o próprio nome Tchitundo Hulo, morro das almas, pa-

rece sugerir. O professor esquematizou também a forma pela qual podem aquelas pinturas ser decalcadas a fim de serem estudadas num gabinete, inteirou-se dos motivos ali reproduzidos, colheu os seus apontamentos, alguns directamente e outros que lhe foram fornecidos por Cornélio Príncipeo habitante português da região, onde supomos que nasceu, há uns quarenta anos, que também se juntou ao grupo visitante e nos conduziu ao local. Na verdade temos no nosso Deserto de Moçâmedes um testemunho pré-histórico da existência do Homem primitivo naquela região, confirmado agora pela douta opinião do Prof. Santos Júnior, ao qual atribuiu alguns milhares de anos. Urge, sem dúvida, que esta estação de arte rupestre seja devidamente estudada, bem como as gravuras ali existentes numas boas centenas de metros quadrados, a fim de melhor conhecermos os antigos habitantes do Deserto de Moçâmedes — C. M.

(*Província de Angola*, de 4-4-1970)

Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses

Reuniu-se a Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses, sob a presidência do Dr. Farinha dos Santos e secretariada pelo Dr. Mário Bento. Antes da comunicação do mês, o presidente procedeu à habitual recensão de publicações e notícias, referindo-se, em primeiro lugar, à obra «Monumentos históricos do Concelho de Mação» da Dr.^a Maria Amélia Horta Pereira, que classificou

de modelar monografia, com cuidadoso inventário arqueológico do concelho. A propósito, salientou que a Câmara Municipal de Mação não se poupou a esforços para subsidiar o estudo e a publicação deste monumental trabalho com mais de 600 páginas e apontou a iniciativa como exemplo a seguir pelas outras Câmaras Municipais do País. Depois, o Dr. Farinha dos Santos alongou-se em considerações sobre «Os povos nómadas das estepes», da Biblioteca das Civilizações Primitivas, onde se descreve, com o apoio de magníficas ilustrações, a história do nomadismo desde o final do quarto milénio antes de Cristo até ao avanço dos Hunos e fez a recensão da obra de Dereck Roe «Prestory an Introduction», há dias publicada em Londres e que é uma síntese actualizada das últimas novidades arqueológicas. Seguidamente, o presidente falou sobre as recentes descobertas arqueológicas em Lepenski Vir, nas margens do Danúbio e a aldeia neolítica mais antiga da Europa, onde surgiram características esculturas e no povoado, também neolítico de Tell Ramad (Síria), que forneceu importantes elementos para o conhecimento da economia dos VII e VI milénios a. C., na orla do Mediterrâneo Oriental. Depois a Dr.^a Maria Amélia Horta Pereira apresentou uma comunicação sobre «Jazidas paleolíticas dos concelhos de Mação e Abrantes» onde se referiu a três novas estações paleolíticas descobertas em terraços fluviais de Mação: a do Casal da Barba Pouca, com quartzitos abevilenses, acheulenses e

mustierenses; a do Vale da Mata, no Rosmaninhal que deu peças acheulo-mustieróides e acheulo-languedocenses, de quartzito, quartzo e xisto; e a dos Coelheiros, com idêntico panorama tecnológico. Comparou, depois, as peças líticas encontradas com as das colecções inéditas de Abrantes, reunidas pelo malogrado arqueólogo Hipólito Cabaço.

(*Novidades*, de 26-4-1970)

Achados arqueológicos em Martim (Barcelos)

Em escavações que estão a ser feitas na freguesia de Martim, limítrofe do concelho de Barcelos, foram encontrados, no lugar da Igreja, à margem da estrada que liga Braga àquela cidade, a base duma coluna e seu suporte e o respectivo capitel, peças ricamente trabalhadas. O distinto arqueólogo Rev. Cónego Luciano Afonso dos Santos tendo examinado o achado, declarou tratar-se duma coluna pertencente a alguma igreja ou a um palácio romano, dos séculos V ou VI, e foi de opinião de que no local também devem existir urnas funerárias da mesma época. O Dr. Vasco de Faria, presidente da Câmara de Barcelos, deslocou-se ao local e prometeu todo o seu apoio para que as escavações prossigam.

(*Comércio do Porto*, de 10-5-1970)

Túmulo descoberto na Barrada (Abrantes)

No lugar de Barrada, freguesia de S. Facundo, ao ser preparada a terra

para sementeira de batata numa propriedade do Sr. Francisco de Matos Coelho, foi encontrado um túmulo constituído por pedras dispostas em cutelo e cobertas com lajes em bom estado de conservação. No seu interior estavam várias ossadas humanas, supondo-se datarem dos tempos romanos. No local compareceram os Srs. Dr. João Manuel Bairrão Oleiro, inspector do Ensino Superior e das Belas-Artes, e Eng.º Luís Fernando Bairrão, da Comissão Municipal de Arte e Arqueologia, que observaram o achado pormenorizadamente.

(*Diário de Notícias*, de 11-5-1970)

Paleolítico superior em Moçambique

Situa-se entre os 5500 e os 10 000 anos a. C. uma cultura do Paleolítico Superior Africano, denominada Mago-siense, de cuja existência foram agora encontrados vestígios numa estação arqueológica na estrada de Namachanos arredores de Lourenço Marques, pelo Centro de Estudos de Arqueologia da Associação Académica de Moçambique. Os vestígios de ocupação humana detectados pela observação de um total de 170 amostras recolhidas na região levam a pensar que a estação agora descoberta será a única conhecida em que a referida cultura aparece devidamente individualizada, pois eram escassos e mal definidos os seus sinais nas outras estações arqueológicas localizadas em Moçambique. Esta estação data de um período tão recuado que remonta a uma era na

qual o Saara ainda não formava a barreira geográfica que actualmente constitui. Pelos vestígios de ocupação humana encontrados na nova estação arqueológica e pela época em que se situam, pensa-se que as populações que formaram essa ocupação humana pertenciam a um tipo de cultura de povos que se dedicavam à pesca e à caça, como meios exclusivos de subsistência. Não praticariam a agricultura nem criariam gado, possuindo um modo de vida muito semelhante ao dos actuais aborígenes da Austrália e papuas da Nova Guiné.

(*O Comércio - Luanda*, de 5-6-1970)

Antas do Monte Prior (Ourique)

Na propriedade do Monte Prior, nesta freguesia, pertencente ao Sr. Eduardo Vilhena Nobre Guerreiro, foram localizadas quatro antas, num pequeno espaço de terreno. Uma delas pode considerar-se monumental, em face das outras encontradas nesta região, pois que as dimensões das pedras que a constituem são de 1,65 m de largura, 2,25 m de altura e 4 m de diâmetro.

(*O Século*, de 15-6-1970)

Alexandre Herculano e a Arqueologia

Na Associação dos Arqueólogos Portugueses, o Prof. Jorge Borges de Macedo proferiu uma conferência subordinada ao título «Alexandre Herculano e a Arqueologia». O conferente

começou por afirmar que Herculano trabalhou sobretudo com documentos escritos. No entanto a sua acção fez-se sentir, com grande projecção, dentro do domínio da Arqueologia. Esta atitude de espírito tem sido esquecida, em virtude de se analisar a concepção de história de Herculano só em termos das influências de historiadores ou das polémicas em que interveio. Importa analisar a própria constituição do seu pensamento histórico e as consequências que esse pensamento implicava. E nesse campo a influência da perspectiva arqueológica revela-se muito mais profunda do que à primeira vista podia supor-se. Essa influência define-se em três planos: 1) acção prática; 2) programação de estudos; 3) atitude como investigador. Na acção prática, foi um defensor intransigente dos monumentos históricos nacionais, preconizando medidas práticas imediatas para sua conservação. Propôs mesmo que se constituísse uma sociedade cultural que tivesse a seu cargo a defesa dos monumentos nacionais contra todos os perigos que os ameaçavam, pelo que pode ser considerado um precursor da Associação dos Arqueólogos Portugueses. No plano da programação de estudos arqueológicos as suas opiniões relativamente aos Lusitanos e à influência romana em Portugal são expressão da análise crítica dos conhecimentos da época; suscitaram um grande número de estudos para os alargar e corrigir. A obra de José Leite de Vasconcelos «As religiões da Lusitânia», visa preencher a lacuna grave que as afirmações de

Herculano mostraram existir relativamente à influência romana em Portugal. Em último lugar a sua atitude como investigador toma como essencial o princípio da arqueologia que é o de deduzir as características pertinentes das civilizações através dos seus dados materiais não escritos. Por várias vezes faz afirmações nesse sentido. A sensibilidade de Herculano à linguagem dos monumentos materiais arquitectónicos era agudíssima e considerava-os a expressão acabada de cada época tanto para a conhecer em si mesma como para compreender o sentido da sua evolução.

(*Jornal do Comércio*, de 30-5-1970).

Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses

Na Associação dos Arqueólogos Portugueses, realizou-se mais uma reunião da secção de Pré-História, a que presidiu o Dr. Manuel Farinha dos Santos. Antes da ordem do dia a Dr. D. Maria Amélia Horta Pereira, que secretariou, fez a recensão dos importantes trabalhos da arqueóloga espanhola Maria Josefa Almagro, intitulados «Ídolos Béticos do Bronze Hispano: seus tipos e cronologia» e «Ídolos-cilindros do Bronze I na Península Ibérica», salientando a tipologia elaborada pela autora e a importância por ela atribuída a estes ídolos no quadro dos cultos mediterrânicos durante o Eneolítico. Depois, o Dr. Vítor Gonçalves procedeu à recensão das obras de David Pilbeam e de Mircea Eliade,

respectivamente intituladas «A Evolução do Homem», «De Zalmoxis a Gênghis», recentemente publicadas. A sessão terminou com um colóquio sobre a problemática da terminologia arqueológica, tendo sido apreciadas as designações que se utilizam em língua portuguesa para as várias indústrias paleolíticas.

(*Diário Popular*, de 7-6-1970)

Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses

Reuniu-se a secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses, sob a presidência do Dr. Farinha dos Santos e secretariada pelo Dr. Vítor Gonçalves.

Antes da comunicação do mês, o Dr. Eduardo Serrão fez a recensão da obra «Les Bronzes Antiques du Maroc» de Christiane Boube-Piccot, salientando aspectos metodológicos deste estudo nomeadamente no que respeita à conservação dos bronzes em laboratório, o que demonstra o bom nível dos investigadores que trabalham em Marrocos.

A propósito, o presidente referiu-se aos trabalhos de conservação de peças arqueológicas de metal realizados, desde há alguns anos, com assinalado êxito, no laboratório do Museu Monográfico de Coimbra.

Seguidamente, o estudante José Morais Arnaud, do Círculo de Estudantes Arqueológicos da Faculdade de Letras de Lisboa, apreciou a obra de Millotte «Précis de protohistoire européenne»,

recentemente publicada, salientando os aspectos económicos e sociais das Idades do Bronze e do Ferro que na mesma se expõem com perspectiva histórica.

Por último, o Dr. Carl Harpsoe apresentou uma importante comunicação sobre «Sementes germináveis recolhidas em estações arqueológicas». Este arqueólogo dinamarquês, há muitos anos radicado no nosso País, a cuja arqueologia tem dedicado o melhor do seu esforço, começou por definir a função da Botânica nos estudos pré-históricos e a sua contribuição para estabelecer datações por meio da recolha e análise de pólenes e de sementes.

Apresentou, depois, o novo método da análise das sementes germináveis, aplicado na Dinamarca no âmbito da Paleobotânica, referindo-se às experiências realizadas pelo Dr. Soren Odun, do Instituto Superior de Agronomia de Copenhaga com sementes recolhidas em estratos arqueológicos e germinadas no laboratório. A propósito das sementes pré-históricas aludiu aos trabalhos pioneiros do malogrado tenente-coronel Afonso do Paço e do Eng.º Pinto da Silva. Em seguida explicou como devem ser recolhidas as amostras de terra com sementes e como fazer as observações em estufa. Apontou, por fim, porque é que as sementes continuam férteis ao longo dos séculos indicando como factores a considerar o grau de humidade do terreno, o seu abastecimento em oxigénio e as características tanto dos solos como das sementes.

Considerando a relevância paleontológica deste novo método arqueológico concluiu que o estudo das sementes germináveis é mais uma janela que se abre para facilitar a reconstituição do meio natural em que viveu o homem pré-histórico.

A terminar, o presidente referiu-se à terminologia e definições das peças e estruturas pré-históricas propondo a constituição de grupos de trabalho que estudem, separadamente, os problemas respeitantes a cada um dos períodos anteriores à romanização.

(*A Voz*, de 28-6-1970)

O menir de Vale de Cardos (Évora)

Durante as escavações que actualmente decorrem no «cromlech» dos Almendres, sob o patrocínio da Junta Distrital de Évora e com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, o arqueólogo Dr. Henrique Pina, que dirige estes trabalhos, identificou um novo monumento megalítico de particular interesse, a cerca de um quilómetro a Sul do local das escavações, num lugar denominado Vale de Cardos.

Trata-se de um «menhir», monólito, normalmente isolado de outra estrutura megalítica que, neste caso, foi encontrado tombado. É um grande bloco em forma de talha (como, aliás são os do «cromlech» dos Almendres), com 3,2 m de comprimento e um diâmetro médio de um metro e o peso de cerca de seis toneladas.

A face actualmente voltada para cima está literalmente coberta de covinhas rituais, num total de quase 80.

Ao removerem-se, para melhor estudo, as pedras acumuladas junto do «menhir», pelos trabalhos de lavoura, pôde o Dr. Henrique Pina, identificar quatro blocos menores, com comprimentos entre 50 e 70 cm, igualmente afeiçoados que deveriam ter circundado o «menhir» principal.

Trata-se, assim, de um conjunto muito original, que pela primeira vez se assinala no nosso País.

Pela sua posição topográfica e pela tipologia, este «menhir» associa-se culturalmente não apenas ao «cromlech» dos Almendres, mas também ao da Portela de Mogos, a menos de 10 quilómetros para Norte, e, ainda, ao «menhir» dos Almendres e ao «menhir» da Herdade das Valadas, que fazem parte da zona Ocidental do concelho de Évora numa região de enorme interesse arqueológico.

O achado foi já comunicado à Junta de Educação Nacional, solicitando-se que seja autorizada a erecção do monumento.

Depois da recentíssima descoberta dos seis «menhirs» da Herdade dos Perdigões, no concelho de Reguengos de Monsaraz, o achado do «menhir» de Vale de Cardos vem enriquecer mais ainda a arqueologia do distrito de Évora, e confirmar a tese de que se impõe imediato e aturado estudo do nosso património riquíssimo, mas, em grave risco de ser atingido pela inevitável mecanização da agricultura,

quando não pelas águas das barragens que, finalmente, começam a cobrir o Alentejo.

(*A Defesa*, de 5-9-1970)

Duas necrópoles da Idade do Ferro descobertas em Ourique

O aparecimento, na Primavera do corrente ano, de algumas inscrições ditas «ibéricas», do concelho de Ourique, levou os arqueólogos Maria Manuela Alves Dias, Caetano de Melo Beirão e Luís Coelho a deslocarem-se ao local do seu achamento, onde prospeccionaram e identificaram duas necrópoles da 1.^a Idade do Ferro.

Durante os trabalhos de sondagem e de reconhecimento levados a cabo, foram encontradas novas peças epigráficas que serão apresentadas. Far-se-á a agregação das necrópoles no contexto arqueológico da região; depois da descrição dos monumentos será dado a conhecer o material recolhido e o seu estudo.

A Epigrafia, a cerâmica — paralelos tipológicos com Riotinto e Mogador; formas, englobes e pastas; os adornos-Bronzes, sanguessugas», peças serpentiformes e outras; contas, vidros, metais, pedra, resina, o ferro — armas e utensílios: lanças, picos, facas (uma com aplicações de bronze); outros objectos.

Em função do material e contexto arqueológico serão apresentadas hipóteses de datação, e do perfil civilizacional das populações pré-romanas que utilizavam a escrita dita «ibérica», do nosso Baixo Alentejo e Algarve.

As necrópoles situam-se ambas no concelho de Ourique, concelho arqueológico por excelência, localizando-se a primeira na propriedade do «Mealha Nova», junto da Aldeia dos Palheiros, propriedade do Sr. Aníbal Loução Ledo, e a segunda na «Herdade do Pêgo», freguesia de Santana da Serra, propriedade do Dr. Augusto Guerreiro Themudo e Melo.

O importante espólio encontra-se no Museu de Belém, em Lisboa, aguardando a sua transferência para o futuro Museu Municipal de Ourique.

(*Diário do Alentejo*, de 20-10-1970)

Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses

Reuniu-se a Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses sob a presidência do Dr. Farinha dos Santos e secretariado pelo Dr. Mário Bento.

O orador oficial da sessão foi o Sr. D. Domingos de Pinho Brandão, Bispo auxiliar de Leiria e titular de Filaca, que apresentou notável trabalho, subordinado ao tema: «Achados de cobre e de bronze na região de Leiria». D. Domingos de Pinho Brandão começou por se referir à riqueza arqueológica da área hoje coberta pela diocese de Leiria, na pré e proto-história e, posteriormente, no período da romanização. Entrando no assunto, disse que dava à palavra *região* o sentido da área coberta pela actual diocese de Leiria e passou a descrever os seguintes achados: *achado da freguesia de*

Espite: conjunto de 32 peças do período do cobre, conjunto hoje infelizmente desfeito, desconhecendo-se o paradeiro da quase totalidade desses objectos; *achado de Caldelas*, freguesia da Caranguejeira (1887), com peças do mesmo período, que, vendidas a um fundidor, se perderam na quase totalidade; *achado de Porto de Mós*, igualmente de cobre; *achado (ponta de lança)*, de Casal da Quinta, freguesia dos Milagres, do mesmo período; *achado da Freixianda*, no sítio denominado Cabeço de Maria Candal, com dez peças de bronze (machados, escopros, uma pinça ou compasso, um punhal ou adaga e um pedaço de bronze fundido); *achado de S. Simão de Litém* (um machado de alvado de bronze) e *achado do Reguengo do Fetal* (um machado de alvado e dois espetos incompletos) do período final do bronze. Fez o enquadramento morfológico e cronológico dos diversos objectos e concluiu: «O que aqui trouxe é mais uma achega para o conhecimento do homem e da vida nessa região num período que importa conhecer melhor».

Esta comunicação foi elogiosamente comentada pelos Drs. Leonel Ribeiro, Saavedra Machado e Padre Pires de Campos. O presidente, associando-se a tais apreciações, considerou a comunicação como um valioso inventário de peças cuidadosamente descritas e com a possível relação dentro do panorama da bibliografia portuguesa da especialidade.

(*Novidades*, de 3-11-1970)

Uma necrópole medieval descoberta em Moura

Atinge grandes proporções a necrópole medieval que recentemente apareceu em Moura, julgando-se que é anterior ao bairro da Mouraria.

Chamado o arqueólogo Dr. Fragoso de Lima, já não houve possibilidade de se salvar o material encontrado, pois a parte posta a descoberto pelos operários foi por estes destruída. Contudo, ainda o citado investigador teve oportunidade de fazer algumas documentações fotográficas e de recolher alguns crânios que estão a ser devidamente consolidados na sala de História da Escola Industrial e Comercial de Moura.

Segundo a opinião do director deste estabelecimento de ensino, Dr. Fragoso de Lima, a necrópole pode explicar-se de várias maneiras. Atendendo à pouca largura das sepulturas, dá a impressão de que se trata de mutilados ou condenados. Pela existência de poços poderão estes ter servido para os banhos rituais, usados na liturgia árabe de enterramentos. Contudo, atendendo ao pouco número observado, não se põe de parte a hipótese dos referidos poços também terem servido de enterramentos. Pelos tijolos encontrados, os princípios da necrópole devem remontar à época visigótica ou mesmo aos finais do Baixo Império.

Objectos não foram encontrados e só nas camadas de entulho que revestiam a cobertura das sepulturas, se acharam uma moeda portuguesa e uma

placa de estanho que representa Cristo, em estilo bizantino-românico.

As sepulturas localizadas encontram-se debaixo da área onde se levantou parte da vila medieval portuguesa representada no desenho de Duarte de Armas.

A necrópole deve prolongar-se em grande extensão por debaixo da Escola Conde de Ferreira, Bairro da Mouraria e Muralha Nova.

Ao local têm acorrido numerosas pessoas inclusivamente turistas, a quem o facto despertou grande interesse.

(*Diário do Alentejo*, de 11-11-1970)

O museu dr. Joaquim Manso na Nazaré

O «Diário do Governo» publicou o Decreto-Lei que cria, no Sítio, Nazaré, o Museu Etnográfico e Arqueológico Dr. Joaquim Manso, ficando na dependência administrativa e técnica da Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes.

O Decreto-Lei determina que no museu poderá funcionar um centro de estudos de etnografia regional, com a organização que for definida por portaria do ministro da Educação Nacional. Poderá ainda funcionar uma biblioteca.

(*A Voz*, de 13-11-1970)

Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses

Reuniu-se a secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portu-

gueses, presidida pelo Dr. Farinha dos Santos e secretariada pelo Dr. Mário Bento. Antes da comunicação do mês, o presidente fez a recensão de algumas obras ùltimamente publicadas, referindo-se em primeiro lugar, ao livro «Celtas e Galo-Romanos», de J. Hatt, onde, entre outros assuntos da maior importância, são apresentados os métodos e as técnicas da arqueologia, alguns problemas da história da civilização céltica e a civilização de La Tène; aludiu, a seguir, à edição de bolso que acaba de sair, do clássico livro «Les Gaulois», de Albert Grenier, admirável síntese que abrange um vasto panorama do Ocidente pré-romano. A leitura destas duas obras, segundo afirmou, é indispensável para quem se dedique ao estudo da Idade do Ferro em Portugal. O presidente apresentou a obra «O Universo da Arqueologia», de Guy Rachet, editada em dois volumes de bolso, considerando-a de divulgação actualizada e de leitura agradável, onde os interessados podem encontrar o essencial dos problemas arqueológicos. A seguir, o Dr. Georges Zbyszewski, dos Serviços Geológicos, fez uma comunicação intitulada «Apresentação da Carta Geológica do Quaternário de Portugal», começando por mostrar a «Carta Geológica do Quaternário de Portugal», na escala de 1/1 000 000, recentemente publicada pela Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos. Tratando da parte estratigráfica, estudou, depois, as características e a distribuição das diversas formações quaternárias (dunas do litoral, aluviões fluviais e fluvio-

-marinhas, tufos e travertinos do interior, formações de origem glaciária da Serra da Estrela, terraços fluviais e antigas praias do litoral). Por sua vez as formações antequaternárias são divididas no mapa em três zonas de altitudes: 0-500 m; 500-1000 m; 1000-2000 m. São por vezes cobertas por alguns depósitos quaternários de reuzida importância.

Ao longo do litoral, o mapa do Quaternário apresenta um esboço da topografia submarina com os respectivos depósitos, baseado nos mapas publicados pelos Serviços Hidrográficos do Ministério da Marinha. Com símbolos especiais foram marcados os sítios mais importantes para a Geologia do Quaternário do País. Correspondem às jazidas de formações marinhas conchíferas, de vertebrados terrestres e de dunas consolidadas da idade Würmiana do litoral. Foram, também, marcadas as principais estações paleolíticas de interesse estratigráfico, os principais agrupamentos de concheiros mesolíticos dos vales do Tejo e do Sado, e, finalmente, os dois locais actualmente conhecidos com pinturas rupestres: o abrigo do Vale do Junco (Senhora da Esperança) e a gruta de Santiago do Escoural, recentemente estudada pelo Dr. Farinha dos Santos.

(*Diário de Notícias*, de 26-11-1970)

Lápida Romana encontrada junto à Barragem do Divor

Uma lápida romana foi encontrada recentemente pelo Sr. António Leão,

do Escoural, na Herdade da Chainha, propriedade do Sr. Custódio José da Avó, situada junto da barragem da Graça do Divor. Tem 87 cm de comprimento, por 59 de largura e 4 de espessura.

A tradução da lápida em vernáculo é a seguinte:

DM (aos deuses Manes) CORNELIAE (de Cornélia) LF MAXVMAE (Lúcia? Filha? de Máxima) CORNELIVS VALENS (Cornélio Valente) MARI-TVS (marido) VALERIA AMOENA SOROR (a irmã Valéria Amena), F C (Faciendum curaverunt, isto é, mandaram fazer).

Esta lápida sepulcral pertence a uma zona intensamente romanizada, como atesta o próprio nome DIVOR, forma abreviada de DIVORYM ou deuses, a que teria sido dedicado um templo romano existente onde ora se situa a paroquial da Graça do Divor. Ali foram os romanos buscar a água para o abastecimento da cidade de Évora através de um aqueduto de 19 quilómetros, sobre as ruínas do qual se construiu o actual Aqueduto da Prata no século XVI.

(*A Capital*, de 5-12-1970)

A joalheria arcaica no território metropolitano

«Joalheria arcaica no território metropolitano» foi o tema da conferência efectuada ontem à noite no Museu de Angola em Luanda, pelo Prof. D. Fernando de Almeida, catedrático de

Arqueologia e Director da Faculdade de Letras de Lisboa.

Autoridade internacional no domínio da Arqueologia, ciência a que se consagra há muitos anos, o Prof. D. Fernando de Almeida foi convidado pela Universidade de Luanda a visitar Angola e a proferir lições sobre os temas da sua especialidade tanto em Luanda como em Sá da Bandeira.

(*Diário da Manhã*, de 13-12-1970)

Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses

Reuniu-se a secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses, presidida pelo Dr. Farinha dos Santos e secretariada pelo Dr. Mário Bento. Antes da comunicação do mês, o presidente fez a recensão das revistas espanholas, ultimamente publicadas, «Estudios de Arqueologia Alavesa» e «Archivo de Prehistoria Levantina» e da memória de Folques «Escavaciones en la Alcudia (Elche)». A seguir, o Dr. Eduardo Serrão apreciou dois trabalhos do arqueólogo espanhol J. Blasquez, um dos quais dedicados às cerâmicas do Cabezo de San Pedro (Huelva) e o outro sobre os problemas de Tartesso; também Oliveira Jorge comentou a obra de Biberson «Galets aménagés du Maghreb et du Sahara», chamando a atenção para a metodologia aplicada no estudo dos seixos afeiçãoados. Depois, o engenheiro Lerenó Barradas, de quem o presidente fez a apresentação e o elogio, considerando relevantes os seus serviços prestados à arqueologia portuguesa,

fez uma comunicação intitulada «A provável localização de Tarsis» em que começou por dizer que Tarsis predecessora de Tartesso, foi uma grande potência territorial, marítima, militar e comercial, cujas raízes vêm desde o Neolítico até meados do séc. XV a. C., nos princípios da Idade do Bronze, situando-se em terrenos baixos entre o Tejo e as colunas de Hércules, possivelmente com a capital no estuário do Tejo. Segundo o engenheiro Lerenó Barradas, com base na sua interpretação de alguns textos antigos, designadamente da Bíblia, Tarsis identifica-se com a misteriosa Atlântida, estaria situada numa ilha aluvial e foi aniquilada, fulminantemente, por violentos tremores de terra, seguidos de um catastrófico maremoto. Esta teoria foi elogiada pelo Dr. Leonel Ribeiro, que a classificou como hipótese de trabalho digna de apreço, mereceu alguns comentários do Dr. Eduardo Serrão e deu lugar a uma crítica objectiva do presidente que a considerou infundada.

(*A Voz*, de 19-12-1970)

Escavações no castro de Santa Maria de Fiães - Feira

Noticia-se o início da exploração do Castro de Santa Maria de Fiães, sob a orientação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e com a preciosa ajuda da Câmara Municipal da Feira. Trata-se de uma importantíssima estação arqueológica, revelada pelo aparecimento esporádico de objectos de bronze (braceletes, espelhos de

fechadura, fíbulas, campainhas, moedas), cuja cronologia se estende desde a época de Augusto até ao Baixo-Império. Aí tem aparecido igualmente abundante e variada cerâmica.

Dada a situação da estação perto do Porto, é local magnífico para funcionar como campo de trabalhos práticos dos alunos de Arqueologia da Faculdade de Letras daquela cidade que sob a orientação do seu corpo docente poderá, em sucessivas campanhas trazer um melhor conhecimento dos achados.

Alguns autores têm procurado localizar neste castro a antiga povoação romana de Lancóbriga, à qual o itinerário de Antonino alude, o que é hipótese viável dado o aparecimento de importantes restos arquitectónicos e de uma obra dedicada a Júpiter.

O interesse desta estação está ilustrado pelas fotografias que acompanham o artigo.

(*Primeiro de Janeiro*, de 25-12-1970)

Achado de moedas romanas em Chaves

Quando se procedia à abertura dos alicerces das obras para o futuro Colégio de S. Caetano foi encontrada uma talha preta com moedas em cobre, reportando-se as mesmas ao domínio dos romanos.

Belos depoimentos de um passado histórico que convinha ver ressuscitado, por iniciativa de organismos competentes, que deveriam proceder a estudos e a recolha antes que desapareçam totalmente.

(*Notícias de Chaves*, de 28-12-1970)